

\\ Entrevista

com

Professor Flavi Ferreira Lisbôa Filho

Pró-reitor de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)



Da Para a **COMUNIDADE**

Entrevista

Fabiana Donida e Gabriela Silva Morél

Como a pandemia da Covid-19 reforçou ainda mais o papel da extensão de voltar suas ações às demandas que emanam da sociedade

O surgimento de um novo vírus no mundo, em dezembro de 2019, marcou o início de uma transformação social. Com potencial pandêmico - fato que se confirmou em poucos meses - a doença causada por ele, a Covid-19, resultou em mais de 3 milhões de mortos em pouco mais de um ano. Destes, mais de 400 mil brasileiros. Além das perdas, a pandemia trouxe prejuízos econômicos a muitas empresas, principalmente as médias e pequenas, que tiveram de ser fechadas pelos governos na tentativa de forçar a população a adotar as necessárias medidas de isolamento social. Mas, em meio ao caos e na busca de um “novo normal”, o papel das instituições de ensino superiores brasileiras se fortaleceu como grande aliada da sociedade.

Todo o tripé ensino-pesquisa-extensão atuou de forma coordenada, mostrando sua importância e valor. O ensino teve que se reinventar frente às desigualdades que se sobressaíram em relação

ao uso das tecnologias de comunicação e informação; a pesquisa foi protagonista com dados, números e até o pioneirismo do sequenciamento do coronavírus em tempo recorde (24h); e a extensão mostrou-se ainda mais indispensável no que tange ao atendimento da comunidade do seu entorno, ouvindo suas demandas e atuando para suprir suas necessidades.

“Diante desses desafios que foram impostos pela pandemia e pela atual crítica que muitas instituições de ensino superior sofrem durante esse período, iniciado há alguns anos, é por meio da extensão universitária que nós temos uma resposta bastante efetiva à população, à sociedade”. As palavras do pró-reitor de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), professor Flavi Ferreira Lisbôa Filho, ratificam o elo que a extensão cria entre a academia e a população.

Coordenador na gestão 2019-2020 da Regional Sul do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileira (Forproex Sul), Flavi acompanhou de perto as muitas ações desenvolvidas pela área da extensão nesse contexto da pandemia. Mas afirma que “nem sempre a extensão universitária foi balizada pela transformação social”.

“Quando ela começa a se desenvolver no território brasileiro, mais especificamente a partir de 1920, possuía um caráter mais assistencial, procurando fazer frente à atuação de um governo federal em que as políticas públicas falhavam ou não alcançavam”, destaca. Essa realidade, segundo ele, se estendeu até os anos 60, quando inicia um período de transição na extensão universitária brasileira provocado pelo despertar da consciência crítica dos cidadãos (e cidadãs), que passou a pedir uma extensão diferenciada, de base transformadora.

“Essa concepção que temos hoje, de transformação social, é resultado de um trabalho contínuo ao longo de décadas das pessoas que se dedicaram a pensar e a fazer a extensão universitária brasileira” - ressalta. E para ele, é com a organização e constituição do Forproex, em 1987, que se dá a guinada mais epistemológica da extensão. “Existe um pensamento, saberes extensionistas que se antecipam à prática e que permitem, a partir dessas interfaces feitas com a sociedade, promover ações que tenham o caráter transformador”.

A fim de aprofundar o entendimento do papel da extensão, principalmente em meio à pandemia, a Revista Viver IFRS preparou uma série de perguntas, que foram respondidas de forma esclarecedora pelo professor Flavi Ferreira Lisbôa Filho:

Revista Viver IFRS - O que não pode faltar para uma ação de extensão cumprir seu papel?

Flavi Ferreira Lisbôa Filho - A extensão universitária se caracteriza pela interação dialógica das instituições de ensino e da sociedade, das comunidades em que ela está inserida, das suas regiões de abrangência. Também pela indissociabilidade no ensino, na pesquisa e na extensão - o que está preconizado na Constituição Federal de 1988.

É marcada pela interdisciplinaridade e pela interprofissionalidade. Se no âmbito da pesquisa, observamos bastante fôlego e dedicação das áreas para seus objetos em específico, seja de uma ciência mais pura ou de uma ciência mais humana, na extensão universitária as diferentes áreas do conhecimento interagem entre si e tem a atuação de profissionais com formações variadas em prol dessas demandas identificadas na sociedade.

A extensão também é basilar na formação do estudante. Provoca um impacto na formação desses novos profissionais, pois além de aprender uma profissão, eles estão ali trabalhando na construção da cidadania. Dá um outro olhar para que estejam comprometidos com a sociedade. A extensão universitária contemporânea é também movida pelo impacto e pela transformação social que ela é capaz de causar.

Ela deve, então, contemplar os 5 I's: Interação dialógica, Indissociabilidade, Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade, Impacto na formação do estudante e Impacto e transformação social.

Revista Viver IFRS - As instituições de ensino assumiram um papel importante no enfrentamento da pandemia de Covid-19. Qual foi a participação da extensão nesse processo?

Flavi Ferreira Lisbôa Filho - A pandemia foi uma experiência única na história recente da humanidade e que nos pegou despreparados de como enfrentar esse “novo” que se colocou em diversas perspectivas: uma delas no que tange ao trabalho; a outra no que tange a própria casa e organização desse espaço doméstico e a que diz respeito às relações interpessoais.

Num primeiro momento, mesmo diante de tantas críticas e ataques que a educação pública superior brasileira vem sentindo, a sociedade, de um modo geral, se posicionou favorável à atuação sólida das suas instituições de ensino. E isso se deve a um trabalho longo realizado especialmente pela área de extensão universitária, que é quando essa interface com a sociedade ganha novos contornos, além do trabalho que é habitual das instituições de ensino, como a formação de novos profissionais e também a área de pesquisa já consolidada - tanto que no nosso país, a ciência é produzida, em sua maioria, dentro das instituições de educação superior.

Várias ações foram desenvolvidas e, embora enxerguemos hoje a extensão universitária feita pelo diálogo, pela interação, pelo compartilhamento e atendendo as demandas que são da sociedade com essa característica transformadora, foi preciso, num primeiro momento, nos organizarmos e propor algumas ações que eu chamaria de emergenciais.

Revista Viver IFRS - Na região sul teve algo de peculiar nesse contexto?

Flavi Ferreira Lisbôa Filho - Os nossos hospitais universitários passaram a atender casos de coronavírus. Tivemos, dentro das nossas instituições, uma produção considerável de álcool em gel para ser distribuída às organizações que fazem trabalhos essenciais à comunidade e também para as pessoas vulneráveis social e economicamente, assim como máscaras em tecido e face shields 3D. Serviços de tele atendimento e tele acolhimento para o combate da Covid-19 foram realizados pelas nossas instituições, assim como uma gama de atividades culturais foram apresentadas e disponibilizadas ao público durante a quarentena.

Essas atividades artístico-culturais passaram a encarar uma outra lógica também no seu fazer e tiveram que se adaptar aos protocolos e chegar até o público, a sociedade em geral, por meio das tecnologias, dando continuidade a essa programação bastante característica das nossas instituições de ensino superior. Vários cursos de formação online gratuitos também foram disponibilizados à população.

Campanhas de arrecadação de alimentos, de material de higiene e limpeza, de agasalhos, inclusive de equipamentos de informática - porque foi diagnosticada a realidade de que, muitas crianças e adolescentes que passariam a ter as suas aulas ditadas remotamente, não tinham condições de acesso às tecnologias, uma em razão da internet e outra por não disporem de aparelhos capazes de fazer essa interação.

Ações em rede previam assessoria em comunicação e marketing para pequenos empreendimentos, muitos dos quais mantinham seus negócios funcionando apenas de modo físico e tiveram que mudar, migrar e se adaptar a um regime híbrido, disponibilizando seus produtos e serviços nas plataformas digitais.

Foram diversas chamadas específicas realizadas nas instituições de ensino para fomentar ações de prevenção, combate e enfrentamento à pandemia. Apesar de serem bastante amplas e não diferirem muito do que foi feito em âmbito nacional por meio da extensão universitária, esse conjunto de ações, sem dúvida nenhuma, contribuiu e ainda contribui muito para o momento atual por qual passa a sociedade.

Revista Viver IFRS - O que mudou no “fazer extensão” a partir da pandemia de Covid-19?

Flavi Ferreira Lisbôa Filho - Sem dúvida alguma, a extensão universitária também foi impelida a pensar em novas formas de acontecer. Foi um momento de grande aprendizado em que tivemos que reinventar a forma como a extensão é feita. Aliada à criatividade e a um trabalho colaborativo, ela soube se inovar e cumprir o seu papel.

Temos que ter em conta que as nossas equipes de extensão tiveram também suas vidas afetadas. O trabalho invadiu o espaço da casa. Então, foi necessário um período curto de adaptação a essa nova rotina. A grande resiliência das equipes de extensão e dos extensionistas fez com que eles aprendessem a lidar com os problemas e, além de sobreviverem a todas as questões impostas pela pandemia, ainda foram capazes de superar as situações adversas e buscar soluções para que a sociedade permanecesse contando com o respaldo da extensão universitária no seu dia a dia.

Observamos também uma ampliação na rede de atuação das pró-reitorias, das instituições de ensino superior, que começaram a dialogar ainda mais umas com outras e foram capazes de agregar tantas outras instituições em prol de trabalhos que nos pediam foco e bastante fôlego. É em razão disso que muitas ações puderam ser criadas, completamente novas ou adaptadas neste universo das tecnologias, e outras puderam ter continuidade presencialmente respeitando os protocolos vigentes.

Essa forma de se reinventar veio, em boa parte, pela adaptação de alguns projetos já tradicionais para a ambiência digital, com o uso de redes sociais e também pela realização de *lives* sobre temas variados. Outros puderam ter continuidade, observando-se os cuidados necessários: geralmente exigiam um trabalho ao ar livre, com número reduzido de pessoas e distanciamento.

Revista Viver IFRS - Diante das adversidades causadas pela pandemia, onde a sociedade precisa de soluções para problemas urgentes, a extensão conseguiu manter esse caráter transformador?

Flavi Ferreira Lisbôa Filho - As ações permitiram que as universidades seguissem cumprindo com o seu compromisso social, atendendo diversas comunidades, grupos sociais e pessoas com as quais ela trabalha pela extensão. Tivemos sim, num primeiro momento, a realização de ações mais pontuais, que às vezes levavam uma característica daquele primeiro período da fase assistencialista. Mas, diante de um cenário de grande desassistência, de falta e, às vezes, até omissão de políticas públicas que chegassem até os cidadãos, a extensão universitária vai lá e cumpre o seu papel.

Nós vivemos num país em que a desigualdade social e econômica marcam profundamente sua população. Lamentavelmente, não conseguimos falar de uma extensão de base transformadora quando falta o alimento na mesa de uma família. Contudo, não podemos perder o foco da extensão que nós desejamos e é por ela que focalizamos e convergimos nossos esforços na busca do bem-estar, da qualidade de vida para toda população e de mais igualdade.

Revista Viver IFRS - Sendo a extensão uma ação coletiva, como promover essa troca em um período de isolamento social? Como superar desafios como o acesso às tecnologias, por exemplo, e alcançar as comunidades?

Flavi Ferreira Lisbôa Filho -A pandemia escrachou uma triste realidade brasileira, que é a da exclusão digital. Nós temos um déficit ainda bastante grande no acesso da população brasileira às tecnologias, inclusive à internet. Diante desse cenário, não há dúvidas que a extensão universitária ficou bastante prejudicada sem ter o contato com o público. E quando me refiro ao público, estou sendo bastante específico em pensar nos grupos sociais economicamente vulneráveis. Tivemos que encontrar algumas saídas, soluções para nos aproximarmos dessas pessoas e cumprir com aquilo que se espera da extensão universitária qualificada.

Como a extensão é feita de pessoas e das interações entre elas, fez muita falta a presencialidade, a proximidade física com o outro. Porque as nossas trocas, os nossos compartilhamentos, que são de base dialógica, demandam disso. Mas impedidos de realizar dessa forma, a saída foi buscar nas tecnologias um respaldo para a realização das nossas ações, salvo algumas exceções, em que elas puderam ter continuidade em seu modo mais tradicional, observados todos os cuidados cabíveis à situação.

Para elucidar, cito um cursinho de educação de base popular que temos na UFSM e que abre 150 vagas anuais para adolescentes e jovens se prepararem para a prova do Enem. Tradicionalmente, as aulas eram presenciais no período da noite e com as restrições impostas foram canceladas. Assim que a equipe conseguiu se organizar, pensaram em formas diferentes de ministrar as aulas, que passaram a acontecer nas plataformas digitais, com conteúdos adaptados a essa nova ambiência e, em alguns casos, impressos para chegarem até os educandos para que não ficassem excluídos devido ao acesso limitado às tecnologias.

A partir dessa experiência, fica como lição a importância que as nossas instituições têm nas suas ações de inclusão digital. Porque estamos falando em cidadania e de dar a oportunidade para que os indivíduos possam acessar essas tecnologias e fazer parte do ambiente digital, onde boa parte das ações estão sendo desenvolvidas. Fica bastante evidente a relevância dos nossos laboratórios institucionais em poderem promover atividades em prol desta inclusão digital, além de batalhar no fomento de políticas públicas que ajudem a reduzir essas desigualdades que foram escancaradas na nossa sociedade.

Revista Viver IFRS - Se as ações de extensão são voltadas especificamente para a sociedade, como ampliar e fortalecer esse vínculo?

Flavi Ferreira Lisbôa Filho -A extensão universitária deve estar voltada sim à comunidade. Ela é feita para fora da universidade. Por mais que possamos fazer extensão dentro do espaço das nossas instituições de ensino, o público da ação deve ser externo.

Em muitos momentos tivemos uma confusão na classificação da extensão - vou chamar desta forma - em que ações, como eventos de natureza da pesquisa, do âmbito da pós-graduação, voltado para especialistas e experts da área, eram encarados como extensão universitária. Pois não é!

Os eventos de extensão universitária são caracterizados por atender um público externo à universidade e que busca neles um esclarecimento, uma qualificação, uma formação... É uma interface diferente que se faz. Outros eventos e cursos dirigidos para os próprios estudantes da universidade eram tratados como extensão universitária. Esses cursos também não são extensão universitária.

Então, saber as demandas que a comunidade tem e se realmente estamos entregando aquilo que ela precisa é uma questão que deve sempre acompanhar os gestores da extensão universitária. E nós temos que encontrar formas para que consigamos realizar um diagnóstico de quais são as demandas dessa sociedade.

Obviamente, que não temos como dar conta de todas as demandas, e também ter uma atenção de que o compromisso das instituições de ensino, não é cumprir um papel que seria do governo, seja na esfera federal, estadual ou municipal. O fôlego, o foco da extensão universitária contemporânea deve estar na transformação social.

E aí nós vamos compatibilizando: aquilo que é demandado pela sociedade e que diz respeito ao compromisso social público que nós assumimos enquanto instituição e aquilo que traz essa base formativa para os nossos estudantes, nesse diálogo, nessas trocas, nesse compartilhamento, na interação dialógica que nós temos com a sociedade. E o que nós damos conta de fazer dentro do espaço acadêmico, trabalhando de forma indissociável estas demandas pela via da extensão junto à pesquisa e ao ensino.

Revista Viver IFRS - Mas como saber efetivamente o que a comunidade necessita?

Flavi Ferreira Lisbôa Filho - Uma experiência da Universidade Federal de Santa Maria é a realização do Fórum Regional Permanente de Extensão. São duas edições anuais em cada um dos *campi* da nossa instituição, um momento de trocas internas também mas, principalmente, de escuta atenta da comunidade, que participa por meio de instituições e lideranças. Discutimos em conjunto quais são as demandas prioritárias. A partir daí, criamos uma plataforma para coleta dessas demandas e votação pela comunidade.

Em 2020 adaptamos esta plataforma aos objetivos do desenvolvimento sustentável, conhecida como Agenda 2030 da ONU, e as pessoas fazem as escolhas que querem para seus municípios, para seus *campi*. E nós conseguimos quantificar e estratificar esse resultado geral e específico.

Por meio de um edital de fomento à extensão universitária dirigido para priorizar as ações que estão em consonância com as demandas apontadas pela comunidade, nós pontuamos de forma diferenciada as ações amparadas nas demandas indicadas no relatório de coleta de dados feito pela plataforma. Ou seja, a comunidade pôde escolher qual dos 17 objetivos do desenvolvimento sustentável era mais importante ou prioritário para a sua região e aqueles melhor ranqueados têm mais acesso ao fomento da extensão.

Esse exemplo é um caminho, mas podem ter outras saídas, dependendo de como a instituição gere a sua relação com a comunidade. Agora, o grande desafio da extensão universitária que ficou bastante explicitado durante esse período de pandemia é de que nós trabalhamos com uma formação cidadã e a emancipação dos sujeitos na busca por uma sociedade mais justa e igualitária mas, mesmo assim, precisamos fazer, muitas vezes, o que é necessário para amenizar as mazelas que são resultantes das desigualdades sociais e econômicas que vivenciamos no nosso país.

Revista Viver IFRS - Quais projetos da região sul tu conhecestes neste período de pandemia, enquanto coordenador do ForProex Sul, que mais te encantaram?

Flavi Ferreira Lisbôa Filho - Não tem como falar de cada uma das instituições. Destaco alguns exemplos que nos inspiram, de ações de instituições que compõem o ForProex Sul, da área da cultura:

O IFPR - *Campus* Coronel Vivida desenvolveu o projeto “Clube da Leitura Chá da Quatro”, com encontro via plataforma Google Meet se fazia a leitura de obras literárias diversas.

O Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR ofereceu seus catálogos online com exposições, jogos e publicações. As publicações de caráter didático se destinam a estudantes e professores da rede de ensino fundamental e médio. Já as acadêmicas abrangem acervos, pesquisas, exposições e obras temáticas de interesse para os trabalhos do museu.

Na Universidade Estadual de Londrina, para entreter as crianças que ficaram em casa durante o período da quarentena, foi oferecido uma série de vídeos com narração de histórias, músicas e atividades em língua estrangeira.

O *Campus* de União da Vitória da Unespar divulgou o projeto de Extensão “Senta que lá vem história”, formado por acadêmicos e docentes da área das letras. A ação auxiliou na construção de conhecimento sobre alfabetização e letramento. A narração das histórias era disponibilizada em *lives*.

A UTFPR criou comissões, movimento semelhante a outras instituições, para desenvolver curadorias digitais de cultura e disponibilizaram depois em website, que permite também interação virtual ao vivo. *Lives* com aula online de música, de dança e atividades livres como passeios virtuais em museus, dicas de séries e portais com tutoria de pinturas.

Na UFSM, o programa “Extensão UFSM Contigo em Casa” tentou amenizar o distanciamento social levando conteúdo online de entretenimento para as pessoas através da realização de uma série de transmissões ao vivo sobre atividades físicas, apresentações culturais e também outras específicas para o público infantil.

Na UFPel, o “Projeto VGrid”, ambiente de realidade virtual da instituição, permitia a interação de professores e estudantes fornecendo espaços de convívio, exposições, chats textual e em *voice*.

A Udesc lançou a história em quadrinhos “Diário de uma pipa em quarentena”, uma atividade para motivar as crianças que estavam em casa, distribuída diariamente pelos canais do programa de extensão Esag Kids. E o museu da Escola Catarinense (Mesc), também fez parte desta atividade, oferecendo recursos que permitiam aos visitantes realizarem um passeio virtual nas suas instalações e pelo seu acervo.

O IFRS, o IFSUL e o IFFAR realizaram o Arte e Cultura em Rede, uma grande estratégia na área da cultura que integrou três grandes instituições gaúchas para promover as ações artístico-culturais desenvolvidas e que resultou na Mostra Mosaico.

Essa é apenas uma pincelada de algumas das ações extremamente encantadoras desenvolvidas pela extensão durante o período de quarentena. Todas as instituições que integram o ForProex Sul foram extremamente criativas na proposição de ações na área de cultura para integrar as instituições com a sociedade amenizando a quarentena. Afinal, nós precisamos da arte para mediar o nosso processo de existência. Ela nos auxilia na interpretação do mundo e da nossa própria experiência vivida.

Ações do IFRS no combate ao coronavírus

No Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) projetos de extensão para o enfrentamento à Covid-19 beneficiaram mais de 25 mil pessoas em pelo menos 30 cidades do Rio Grande do Sul. Foram 36 projetos que contaram com a participação de servidores, estudantes e pessoas da comunidade externa que se voluntariaram e levaram um pouco de esperança nestes tempos de reclusão. Informações dessas ações estão reunidas em um [livreto digital](#) que conta um pouco do que foi realizado pelo instituto no âmbito da Extensão. Para mais informações [acesse o nosso site](#).



Além das ações de Extensão diversas outras foram e estão sendo realizadas durante este período de pandemia e de atividades remotas em todos IFRS, tais como: publicação de “livros referente ao contexto pandêmico”, campanhas de arrecadação de alimentos, doação de máscaras e de álcool gel, entre outros.



A [Campanha #TamoJunto](#), buscou arrecadar materiais para produção de equipamentos de proteção para ajudar a proteger profissionais de saúde que estão na linha de frente no combate à pandemia com o novo coronavírus (Covid-19) em municípios gaúchos.

E não menos importante foi a criação do Comitê de Enfrentamento e as Comissões de Prevenção e Acompanhamento à Covid-19 do IFRS. [Acesse](#)

A Seção de Atenção ao Servidor por meio da pesquisa “[Saúde e Quarentena - Vamos conversar?](#)” encaminhou uma série de e-mails para os servidores com dicas de cuidados, postura e ferramentas de trabalhos, com o objetivo de auxiliar as pessoas a preservarem sua saúde mental e emocional nestes tempos difíceis de trabalho remoto. [Acesse o material](#)



O IFRS também disponibiliza uma série tutoriais desenvolvidos pelo [Centro Tecnológico de Acessibilidade do IFRS](#) e pelas unidades do instituto para a produção de EPIS, entre eles: Protetores faciais face shields, caixa protetora aerosol box, máscaras de barreira com pregas, máscaras de barreira formato bico de pato, máscaras faciais inclusivas, máscaras para profissionais de saúde e para uso geral, e batas de uso hospitalar. [Para mais informações acesse](#)



Todas as atuações do IFRS para acompanhamento e prevenção à Covid-19, podem ser encontradas na página “[Saúde no IFRS – Coronavírus](#)”. Para informações completas e acesso aos documentos emitidos pelo IFRS, relacionados ao período da pandemia, [acesse](#).